
“O CONHECIMENTO CIENTÍFICO SEM A EXPERIÊNCIA NÃO QUER DIZER NADA”: DISCURSOS DE PROFESSORAS SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SEXUALIDADE

Autores. Lais de Souza Machado. Marcos de Souza Lopes. Centro Universitário de Tecnologia e Ciências (UniFtc), laimachado18@gmail.com. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), markuslopessouza@gmail.com.

Tema. Eixo temático 5.

Modalidade. 1. Nível educativo universitário.

Resumo. Nesse trabalho apresentamos um estudo diagnóstico que subsidiou a construção de proposta formativa realizada com três professoras da área de Ciências Naturais, que lecionam a disciplina Educação para a Sexualidade em uma escola pública do interior da Bahia-Brasil. O objetivo da pesquisa foi analisar os discursos iniciais dessas professoras, sobre o saber da experiência e sua relação com a prática docente em sexualidade. Para pensar o saber da experiência, buscamos inspiração nos escritos de Jorge Larrosa, que defende a experiência enquanto ponto de partida para a aprendizagem. A pesquisa mostrou que as subjetividades das professoras se reverberam nos modos como pensam, falam, aprendem e ensinam e que seus conhecimentos e discursos sobre sexualidade são construídos no âmbito da experiência/sentido e, portanto, carecem de assim também serem problematizados.

Palavras-chave. Jorge Larrosa, Saber da experiência, Formação de professores/as, Sexualidade.

Introdução

Autores como Pimenta, Tardif, Benjamin e Larrosa se debruçam sobre o estudo da experiência e do saber da experiência e suas implicações na formação e prática docente. Apesar de suas produções apresentarem perspectivas diferentes, todas corroboram para a problematização do saber da experiência enquanto elemento importante na (re)construção do fazer docente.

A construção de espaços de formação continuada de professores/as na área de sexualidade, sob a perspectiva do saber da experiência discutida por Jorge Larrosa, foi o eixo norteador dessa pesquisa. Para o autor “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p.21) e o tipo de pesquisa que assumimos nesse estudo diz justamente sobre aquilo que tem a potencialidade de nos inquietar, colocando em movimento as nossas experiências em uma esfera para além da profissional.

Compreender a experiência sob a ótica do autor gerou a inquietude necessária que nos motivou a problematizar as práticas pedagógicas em sexualidade partindo das vivências das próprias docentes. Nesse sentido, esse estudo buscou analisar os discursos prévios de professoras da área de Ciências Naturais, participantes de espaços formativos, sobre o saber da experiência e sua relação com a prática docente em sexualidade.

Referencial teórico

Estudos que se debruçam sobre a discussão do saber da experiência na formação de professores/as têm inspirado muitos processos formativos voltados à educação continuada. Sobre essa relação experiência-educação, Benjamin (1994) e

Larrosa (2002) concordam que a raridade da experiência na sociedade moderna corrobora para a sua pobreza intelectual. Eles apontam ainda o tecnicismo e a informação em demasia como aspectos que cursam na contra mão da experiência e, por conseguinte, da construção de conhecimentos.

Apesar de considerarmos potentes e de vislumbrarmos inúmeras possibilidades discursivas nos escritos dos autores supracitados, nesse estudo direcionamos o nosso olhar para o caráter subjetivo da experiência, discutido por Jorge Larrosa, que nos permite pensar a formação de professores/as, como ele mesmo propõe, no âmbito da “experiência/sentido” (Larrosa, 2011).

De acordo com Larrosa, o saber da experiência é particular, subjetivo, relativo e pessoal, só podendo o/a sujeito ser capaz de aprender de sua própria experiência. Portanto, pensar a (trans)formação continuada de educadores em sexualidade nessa perspectiva, vai além do enfoque nas vivências profissionais associadas ao tempo de atuação, uma vez que, a prática profissional na condição de fio condutor da formação de professores/as, isoladamente, não dá conta desse desafio. Sobre isso, Larrosa (2011, p.7) pontua:

...na experiência o sujeito faz, sobretudo, a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. [...] Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação.

Nessa perspectiva, desenvolver propostas formativas sobre sexualidade, pautadas na valorização das subjetividades é colocar “a relação educativa sob a tutela da experiência” (Larrosa, 2014, p.74). Assim, conhecer de que maneira o/a professor/a concebe o lugar do saber da experiência em sua construção docente é importante para interrogar práticas e discursos, antes naturalizados, e abrir espaços para a sua problematização.

Metodología

Essa investigação consiste em um diagnóstico realizado com três professoras da área de Ciências Naturais, que lecionam o componente curricular denominado “Educação para Sexualidade” em uma escola dos anos finais do Ensino Fundamental no interior da Bahia-Brasil. Os resultados dessa investigação serviram de base para planejamento de espaços formativos sobre sexualidade, inspirados no saber da experiência de Jorge Larrosa.

As professoras participantes da pesquisa são aqui referidas por nomes fictícios de deusas associadas ao amor, beleza e erotismo em diferentes culturas: Afrodite, Vênus e Innana. Todas possuem formação acadêmica na área de Ciências Naturais e atuam na docência da disciplina Educação para a Sexualidade.

Para a construção dos dados foi utilizada a entrevista coletiva semiestruturada em formato de dinâmica de equipe, na qual as participantes escolheram, aleatoriamente, temas geradores escritos em tiras de papel. Os temas cursavam sobre como as vivências das professoras atravessam a prática pedagógica na educação para a sexualidade e sobre os processos de subjetivação reverberados nas construções discursivas sobre sexualidade na escola.

Os discursos construídos foram problematizados, compreendendo a problematização enquanto movimento que “implica em recusar qualquer bagagem, teorias ou metodologias de pesquisa, e procurar conhecer o objeto de pensamento naquilo que for possível” (Vinci, 2015, p. 211), a fim de promover, por parte das professoras e pesquisadora, um fazer constante de resignificar os próprios discursos e práticas.

Os dados foram sistematizados e analisados de acordo com a análise de discurso, tomando-o em uma perspectiva foucautiana, na qual considera-se o discurso sempre em sua realidade e no fato dos enunciados ditos. A escolha dessa perspectiva de análise foi pautada na premissa de que a nossa compreensão e formas de falar sobre a sexualidade são moldadas por práticas discursivas (Veiga-Neto, 2016).

Resultados e discussão

A pesquisa mostrou que as subjetividades das professoras as caracterizam enquanto sujeitos de experiência e são constantemente acionadas nos modos como pensam, falam, aprendem e ensinam. Afrodite corrobora esse pensamento quando defende, enfaticamente, a correlação entre o que acredita e o que ensina.

Tudo que eu falo é porque realmente acredito. Se eu não acreditasse, se eu não achasse certo eu não aceitaria não! Eu iria trabalhar qualquer coisa, mas não aceitaria. Então, acredito plenamente no que eu falo. (Afrodite)

Innana também destaca como suas subjetividades invadem a disciplina ao relatar que suas vivências enquanto mãe repercutem tanto em posturas e discursos sobre sexualidade, quanto em seu fazer docente:

Eu tento ser o mais possível aberta à realidade deles porque também eu sou muito aberta com os meus filhos. Eu tenho dois filhos adultos e a gente discute essas questões com muita naturalidade. (Innana)

O que Afrodite defende como aquilo que acredita e que Innana diz encarar com a mesma naturalidade que o faz com seus filhos, faz parte da construção de suas subjetividades proveniente dos ditos processos de subjetivação, que por sua vez, surgem a partir das formas de pensar e de se relacionar com o mundo (Gonzalez Rey, 2003). Assim, os discursos das docentes sobre sexualidade não são neutros e sim carregados de sentidos.

Se por um lado, foi possível identificar a força da valorização das vivências pessoais nos discursos de Afrodite e Innana, por outro, observamos a prevalência do discurso pautado no conhecimento biológico, moral e social sobre a sexualidade, que Foucault (2012, p.59) denomina de “supersaber sociocultural, científico e teórico da sexualidade”. Ele se refere a um desconhecimento pessoal do sujeito em relação ao seu próprio desejo e em contrapartida um grande saber sobre a sexualidade coletiva respaldado pelo conhecimento científico. A formação continuada de professores/as é essencial para romper com as armadilhas dessa cultura da necessidade de informação e opinião que, de acordo com Larrosa (2002), compromete as oportunidades de experiência dos/as professores/as e alunos/as.

Em contrapartida às falas de Innana e Afrodite, Vênus faz um destaque direto à valorização da experiência em um sentido mais pessoal e subjetivo quando diz:

A questão da prática de vida é muito importante. Os saberes que a gente tem, os nossos relacionamentos afetivos... A sexualidade ela envolve tudo. Como você cria seus filhos, como você educa seus alunos, como a mídia encara mulher e homem e a diversidade sexual. Todos esses saberes a gente tem que trazer para a sala em uma perspectiva franca sem, contudo, anular os saberes e a vivência deles. [...] O conhecimento científico sem a experiência não quer dizer nada. (Vênus)

A fala de Vênus se aproxima, em diversos aspectos, do saber da experiência na perspectiva de Larrosa. Ela concebe a relação entre os saberes da vida e o saber científico sobre sexualidade enquanto algo necessário ao processo educativo,



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

mas que as experiências dos/as professores/as não podem sobrepor a dos/as estudantes na construção de seu próprio conhecimento.

Nesse sentido, a docente parece conceber o saber da experiência enquanto um construto da relação entre a vida (não exclusivamente sexual) e o conhecimento (não exclusivamente científico). Assim, a fala da professora nos remete a uma experiência que é particular, pois não depende do que acontece, mas de como somos tocados/as por esses acontecimentos. E é a partir daí que (re) aprendemos e (re) construímos o conhecimento. Pensar a formação de professores/as em sexualidade na perspectiva do saber da experiência, nesse sentido, significa assumir que “somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação” (Larrosa, 2014, p.28).

Conclusão

O diagnóstico realizado nos permitiram inferir que as professoras valorizam a experiência e o saber da experiência na construção de seu fazer docente na área de sexualidade e que suas subjetividades estão imbricadas na sua práxis pedagógica. A pesar de percebermos no discurso das professoras a percepção de experiência, muitas vezes, associada à apropriação de conhecimentos científicos, foi possível observar que, antes de tudo, Innana, Afrodite e Vênus se produzem enquanto educadoras em sexualidade a partir do que experienciam afetiva, social, moral, política, cultural e sexualmente, não sendo possível pensar as docentes da disciplina Educação para a Sexualidade de maneira desarticulada dos modos de subjetivação que as constituem. A formação continuada de professores/as, nesse sentido, precisa romper com a excessiva preocupação em reproduzir informações consideradas necessárias ao trabalho com sexualidade na escola, sem levar em consideração que o conhecimento e os discursos dos/as professores/as sobre sexualidade são construídos no âmbito da experiência/sentido e, portanto, carecem de assim também serem problematizados.

Referencias bibliográficas

- Benjamin, W. (1994). Experiência e pobreza. In: Rouanet, S. P. (org.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (7ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Figueiró, M. N. D. (2004). *A formação de educadores sexuais*. Anais do IV Educere. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Foucault, M. (2012). Sexualidade e Poder. In: Motta, M. B. da (org.). *Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- González-Rey, F. (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- Larrosa, J. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, (19), 20-28.
- Larrosa, J. (2011). *Experiência e alteridade em educação*. Revista Reflexão e Ação, 19 (2), 04-27.
- Larrosa, J. (2014). *Tremores: Escritos sobre a experiência*. (1ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Vinci, C. F.R.G. (2015). *A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano*. Filosofia e Educação, 7(2), 195-219.
- Veiga-Neto, A. (2016). *Foucault e a Educação*. (3ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.